

## “RE-EXISTÊNCIAS” E MEMÓRIAS NEGRAS EM SÃO FRANCISCO DO SUL/SC

Daiane Corrêa da Silva<sup>1</sup>

*O amor existe naquilo que não é compreensível, no (in)visível, e re-existe no rearranjo das coisas, naquilo que insiste em se manter, resistindo ao tempo, naquilo que se desloca, entregue aos efeitos da incompletude, do fluxo, do devir de outras imagens (DIAS; DIAS, 2021, p. 74).*

Este trabalho caracteriza-se por ser uma parte das pesquisas que estão sendo gestadas com vistas ao desenvolvimento de Tese de Doutorado que tem como objeto discursivo o Conjunto Urbano e Paisagístico de São Francisco do Sul/SC. Vimos, a partir das pesquisas em andamento e das já realizadas, que esse patrimônio significa a partir da história dada e já contada e que significa discursivamente pelas visibilidades a etnias brancas, que dão centralidade a sua língua, a sua cultura em detrimento daqueles que vieram para o Brasil para ser a mão de obra barata e incansável, sem a qual o patrimônio poderia ser somente um patrimônio imaterial. É uma cidade cercada pelo mar e esse mar possibilitou que a chegada de muitos povos, que começaram a estruturar a cidade, muito provavelmente para atender aos seus próprios interesses. O objetivo proposto para a tese é construir arquivo que contemple o Patrimônio Histórico do Espaço urbano e ao mesmo tempo, coloque em suspenso esse patrimônio que comparece institucionalizado e apaga povos, lutas e resistências. Para isso, propomos discutir as condições de produção que contribuem para a construção de narratividades que dão visibilidade à história fundacional da cidade de São Francisco do Sul/SC. Vemos como contradição o fato de que há etnias historicizadas e significadas como fundadoras da cidade e como responsáveis por tudo que há de memorável nele, deixando de lado tudo o que possa dar visibilidades à parte da história que muitos querem significar como o que não aconteceu. Para isso, a noção de narratividade é tomada como o modo como as cidades, os museus e os conjuntos patrimoniais que possam se dizer/se significar/se permitir, colocando em suspenso a história e o que ressoa como verdade histórica e apaga a historicidade. Para esta fala, recortamos etnias que resistem e movimentam os sentidos de “re- existir”, contrapondo-se e se colocando a partir de narratividades que se constituem como contraponto ao discurso da “colonização”. Propomos a partir de Orlandi (2017) a palavra (r)existir que faz sentido nas teorias discursivas e refere à resistência. Entendemos por resistência a busca por visibilidade, a luta por estar na história de uma cidade, ocupando o espaço de quem contribuiu para a formação da cidade. O que vemos na cidade de São Francisco do Sul, município catarinense, localizado no norte do estado, região litorânea, que faz divisa com Joinville e abriga o maior Terminal Portuário do estado de Santa Catarina, é uma representatividade histórica, cultural, ambiental e comercial centrada na etnia branca, na língua, na religião e na cultura branca. Discursivamente, de acordo com Pêcheux (2014), o discurso se constitui não só da língua, mas de processos discursivos, que incluem a

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras na Universidade Federal do Paraná- UFPR, turma 2021.

exterioridade e a história. Com isso, trazem o passado, que ajuda a compreender o presente, retomando dados de formação da cidade. Vale destacar que o Centro Histórico de São Francisco do Sul foi tombado em 1987 como Conjunto Urbano, enquanto bens materiais pelo Iphan - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, passando a se inscrever como a primeira cidade catarinense visitada pelos europeus. A história institucional desta que os primeiros a chegarem foram os franceses e depois os espanhóis e faz com que essa cidade receba o título de “Terceira cidade mais antiga do país”, tendo sido colonizada pelo Império Português no século XVII. O que trouxemos da história oficial mostra a emergência de fazer um deslocamento para o estudo do Patrimônio Cultural pelo viés da história e da cultura. Selecionamos duas materialidades discursivas as “Presença e Memória Negra em São Francisco do Sul” e o documentário “Ajustando as lentes - Presença e Memória Negra em São Francisco do Sul”, apresentado por Andréa Oliveira e disponível no Canal do Youtube do Sótão de Boa, elementos para analisar as memórias negras e relacionar com o termo “Re- existir”. Abordaremos a concepção de sujeito e discurso (s) através da ótica de pecheutiana e de seus leitores, no Brasil. Eni. P. Orlandi. Para deslocar o estudo do Patrimônio Cultural pelo viés da história e da cultura trazemos Chagas (2009), Choay (2014), De Certeau (2013), buscando trazer uma visão social sobre o estudo do Patrimônio Cultural.

## **CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO, MATERIALIDADES DISCURSIVAS E CATEGORIAS DE ANÁLISE**

O objetivo deste trabalho é discutir as condições de produção que contribuem para a construção de narrativas que dão visibilidade à história fundacional da cidade de São Francisco do Sul/SC, que destacam e apagam memórias e deixam em suspenso o processo de institucionalização do Patrimônio Cultural. A partir disso, estabelecer um contraponto entre Patrimônio Cultural e os movimentos de resistência nas narrativas urbanas.

São Francisco do Sul é um município catarinense, localizado no norte do estado, região litorânea, fazendo divisa com Joinville, abriga o maior Terminal Portuário do estado de Santa Catarina, é reconhecida pela representatividade histórica, cultural, ambiental e econômica. É uma ilha que se localiza no Litoral Norte do Estado de Santa Catarina, banhada pelo Oceano Atlântico, cercada por mais 24 ilhas e fazendo parte da Baía da Babitonga. Destaca-se pelo Centro Histórico, Praias, Região da Vila da Glória, Igreja Matriz, Mercado Público, Museu Nacional do Mar, Porto de São Francisco do Sul, Museu Histórico de São Francisco do Sul, Cariocas, Forte Marechal Luz, Ilha da Paz, Ilha da Rita, Morro da Cruz, Morro do Hospício, Antigo Hospital Municipal, Leprosário, Sambaqui, Cemitério do Casqueiro.

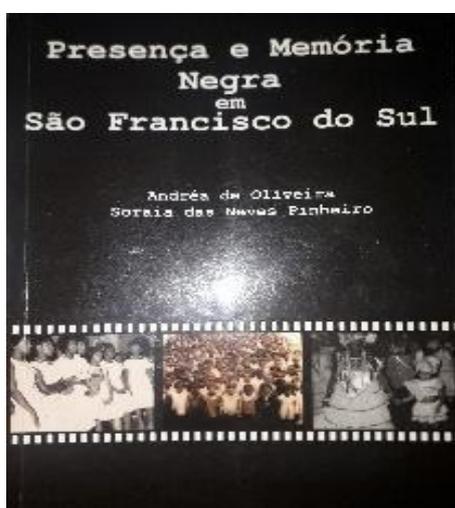
A cidade recebe o título informal de “Terceira cidade mais antiga do país” e muitas narrativas compõem o imaginário do “descobrimento”, “colonização” e “desenvolvimento” do espaço urbano. São Francisco do Sul foi fundada em 1847, embora as narrativas sobre seu descobrimento datem de 1504, pelo francês Binot Paulmier de Gonneville.

O tombamento do Centro Histórico data de 1987, conforme o livro de tombos do Iphan - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Um Conjunto Urbano e Paisagístico trata-se de um conjunto de bens patrimoniais tombados em grupo, pelo valor histórico e cultural.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan<sup>2</sup> é uma autarquia federal responsável pela gestão e conservação do Patrimônio Cultural: os bens materiais, imateriais e Patrimônio Mundial. Foi criado em em 13 de janeiro de 1937, por meio da Lei nº 378, desde então seu papel vem se consolidando na preservação do Patrimônio Cultural. Com a Constituição Federal de 1988, nos artigos 215 e 216, o Patrimônio Material e Imaterial passa a ser reconhecido e são estabelecidos critérios para a sua conservação: registro, inventário e tombamento.

Em contraponto às narrativas institucionalizadas sobre o Patrimônio Cultural trazemos outras narrativas que compõem a diversidade da formação social: as memórias negras. Apresentamos como recortes deste arquivo a obra “Presença e Memória Negra em São Francisco do Sul”, de Andréa de Oliveira e Soares e o documentário “Ajustando as lentes - Presença e Memória Negra em São Francisco do Sul”, apresentado por Andréa Oliveira, figuras 1 e 2.

**Figura 1**



**Figura 2**



Os recortes apresentados e, que na tese serão mais explorados, apresenta-se como resistência no arquivo de pesquisa, sobre o que se encontra sobre o estudo do Patrimônio Cultural em São Francisco do Sul, um contraponto do que está institucionalizado sobre o tema. O objeto do discurso (memórias negras) se sobressaem como emergência nas discussões sobre sujeitos, Patrimônio Cultural e espaço urbano, afinal o Patrimônio Cultural se define nas relações entre história, cultura e sujeitos?

A resistência neste trabalho é entendida conforme Orlandi (2017, p. 213), que afirma “nos processos discursivos há sempre “furos”, falhas, incompletudes, apagamentos e isto nos serve de indícios/vestígios para compreender os pontos de resistência”. A sociedade produz uma ilusão de transparência, que nega a ideologia do discurso, produz evidências e imaginários que reafirmam/revalidam sentidos, os outros sentidos que deslizam no fio do discurso são a resistência.

O conceito de resistência em Orlandi (2017) vai além do discurso- luta entre sentidos, se difere também das definições de outras áreas do conhecimento, no qual a resistência é entendida como um ato de

<sup>2</sup> Entre 2020 e 2021 o site do Iphan está migrando para a plataforma Gov.br, ele deixa de ter um endereço eletrônico independente e passa a compor um dos serviços do Ministério do Turismo. Os órgãos ligados às pastas da cultura, lazer, educação e cultura têm sofrido alterações na sua atuação no último governo.

heroísmo. A autora conceitua a resistência do sujeito, o que implica em relacionar resistência e as relações de assujeitamento estabelecidas no capitalismo e na sociedade atual. Conforme Orlandi (2017, p. 227):

No discurso oficial do capitalismo se guarda a palavra "resistência" para situações idealizadas, tingindo-a de heroísmo. Pensamos que esta já é uma forma de ideologia funcionar na relação dos "alienados" e as relações de poder. O que interrogamos é como, aqueles que submetidos ao processo de alienação se subtraem, ou são subtraídos, pela falha, ao apagamento de seu eu social, e de alguma forma se objetivam em suas relações. Resistem?

Nos recortes apresentados neste trabalho, o objeto do discurso apresenta-se memórias discursivas de sujeitos que resistem em uma formação social. As memórias negras, assim como o trabalho de pesquisa apresentado pelas autoras, resistem como outros sentidos que os sujeitos produzem sobre si, sobre a história, a cultura e o espaço urbano. Não como um ato heróico, mas sim como um processo discursivo de produção de sentidos.

Nas sequências discursivas apresentadas a seguir vejamos como as memórias negras apresentam-se na formação social dada (sequências discursivas retiradas da obra *Presença e Memória Negra em São Francisco do Sul*):

**SD1:** É de conhecimento dos historiadores que Manoel de Andrade um dos principais organizadores do povoado em 1658, trouxe consigo a família, agregados e escravos além de animais, maquinário para agricultura e para escavações das possíveis minas. Essa é a primeira notícia sobre a presença negra na região.

**SD2:** Pode-se dizer que a escravidão em São Francisco do Sul não desenvolveu em grande escala, mas que foi voltada a agricultura e a trabalhos domésticos se evidenciando também no espaço urbano.

**SD3:** Sabemos que os negros ajudaram a construir a cidade, que trabalharam muito e nos mais diferentes ofícios. Foram cargueiros, calceteiros, banqueteiras, lavadeiras, engomadeiras, babas ou trabalhadores na atividade portuária que sem sombra de dúvida contribuíram para o desenvolvimento econômico e cultural dessa cidade.

Conforme as sequências discursivas os negros foram trazidos como escravos na época da "colonização" da cidade, acompanhavam a família de Manoel de Andrade. Eles desempenhavam trabalhos domésticos e na agricultura. Os negros trabalhavam muito e em diferentes profissões e auxiliaram no "desenvolvimento" da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que na narratividade dos diferentes períodos históricos de São Francisco do Sul - "descobrimto", "colonização" e "desenvolvimento"- alguns discursos são evidenciados e outros apagados. No estudo e na gestão do Patrimônio Cultural padrões são repetidos como se a história e a cultura pertencem a classes, grupos e etnias específicas, como uma memória saturada sobre o próprio objeto. O Patrimônio Cultural serve à burguesia e ao capital. Conforme Chagas<sup>3</sup> (2009, p. 47), "Uma nova e moderna rede (de poder e memória) é construída, nas relações sociais, do corpo, da justiça, com a política, com a

---

<sup>3</sup> O texto de Chagas (2009) apresenta uma reflexão sobre memória e poder, discutindo a relação entre esquecimento e memória, preservação e destruição. Apresenta-se dividido em duas partes ou dois movimentos como distingue o autor: 1º discute as relações entre memória e poder nos séculos XVIII e XIX e o outro movimento discute essa mesma relação na atualidade, nas novas instituições de gestão do patrimônio cultural.

economia, com a educação, com a produção intelectual, com a religião, com as instituições públicas e privadas”.

Há uma emergência em discutir os processos discursivos acerca do Patrimônio Cultural e as memórias negras. Na formação social de São Francisco do Sul entende-se que elas formam um contraponto ao que está institucionalizado, sobre o que se inaugura sobre o Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial.

Segundo Orlandi (2017, p. 234), “as formas atuais de assujeitamento do capitalismo, há um resto, nas relações dissimétricas, que produz a resistência, não na forma heróica a que estamos habituados a pensar; mas na divergência desarrazoada, de sujeitos que teimam em (r)existir.”. Os recortes “Presença e Memória Negra em São Francisco do Sul” e o documentário “Ajustando as lentes - Presença e Memória Negra em São Francisco do Sul”, apresentado por Andréa Oliveira e disponível no Canal do Youtube do Sótão de Boa apresentam-se como discursos que deslizam no fio discurso, que extrapolam a memória saturada, que lutam contra o poder do sistema, que produzem outros sentidos.

As memórias negras e o que eles representam como luta de um povo (r)existirem no/pelo discurso discurso. Toda a vez que um sentido novo é inaugurado, ressignificando aquilo se costumava dizer sobre o patrimônio de lugar e de um povo, a posição sujeito se mostra como força transformadora da forma-sujeito - histórica e da formação social.

## REFERÊNCIAS

- AJUSTANDO AS LENTES- PRESENÇA E MEMÓRIA NEGRA EM SÃO FRANCISCO DO SUL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cCclXo23P5s&t=3s>. Acesso em: 29 jun. 2021.
- CHAGAS, Mário. Memória e Poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 19, n 19, p. 43-81, 2009.
- CHOAY, F. **O patrimônio em questão**: antologia para um combate. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Morar e cozinhar. 12. ed. São Paulo: Vozes, 2013.
- FUNARI, P. P; PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Carta ao cidadão**. Brasília: Iphan, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/CartaCidadaoweb.pdf>. Acesso em: 01 jun.2021.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- OLIVEIRA, A; PINHEIRO, S. N. **Presença e memória negra em São Francisco do Sul**. Blumenau: Nova Letra, 2013.
- ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido, ideologia. 3. ed. Campinas: Pontes, 2017.
- ORLANDI, E. P. **Cidade dos Sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.
- ORLANDI, E. P. **Terra à vista**. Campinas: Editora Unicamp, 2008.
- PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In. ACHAD. P. *et al.* **Papel da Memória**. Trad. e introd. de José Horta Nunes. 5. ed. Campinas: Pontes, 2020.